



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
ESCOLA DE BELAS ARTES  
CURSO DE ARTES VISUAIS - ESCULTURA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

## **ARTE COLETIVA NO BOSQUE DA UFRJ**

*Estética relacional, Site specific, Bioconstrução, Land Art*

Bruna dos Santos Milagre

Orientação: Beatriz Pimenta Velloso

Rio de Janeiro 2016

## **RESUMO**

A prática artística hoje aparece como um campo de experimentações sociais, como um espaço ao comportamento do público a forma da obra contemporânea se estende além de sua forma material, ela é um princípio dinâmico, não um objeto fechado sobre si mesmo, mas uma relação, que está sendo construída através dessa obra.

O objetivo desses trabalhos realizados foi o de fazer uma releitura de conhecimentos que algumas comunidades possuem de usar técnicas do passado, do trabalho da roça e do uso de recursos da floresta, para e reintroduzir estas técnicas nos dias atuais. Assim é sugerido que através da interpretação destes trabalhos possamos aprender algo sobre a cultura e o indivíduo que a produziu.

## **PALAVRAS-CHAVE**

*Estética relacional, Site specific, Bioconstrução, Land Art.*

## INTRODUÇÃO

Escultura é a arte de transformar matéria bruta em formas espaciais com significado, ou seja, em terceira dimensão com altura, volume e profundidade. A escultura é uma das categorias artísticas que mais estabelecem relação com o público. Isso porque geralmente elas são pensadas e produzidas com a finalidade de ocupar espaços públicos. Partindo deste princípio meu objetivo foi de criar trabalhos num ambiente público na universidade. Utilizando diversos tipos de materiais na mesma obra.

Articular os conceitos de site-specific, land art e estética relacional me incentivou a reutilizar os materiais encontrados pelos locais onde eu frequentava, a universidade e o bairro onde moro na cidade de Petrópolis. Nesses lugares indaguei a diversas pessoas sobre técnicas antigas de construção, como a de pau a pique, e comecei a produzir trabalhos em cima dessas informações recebidas. Obtive bons resultados na maioria das vezes na utilização de ripas de madeira, barro vermelho e cimento que os alunos produzem na FAU na aula de concreto, materiais que seriam descartados eu reutilizei, como a placa de MDF que estava no lixo e as agarras de escalada que consegui na educação física estabelecendo relações entre diferentes escolas da universidade. Tive também alguns problemas com outros materiais que eu não estava habituada a utilizar, que foi o caso das folhas de coqueiro que não consegui realizar devido a pouca quantidade e o tratamento necessário as folhas para que pudessem servir de abrigo.

A proposta do meu trabalho é ressignificar essa forma de construção do passado e da roça e trazê-la para a cidade como um meio sustentável e natural utilizando materiais que seriam descartados ou inutilizados, transformando-os em algo utilitário e funcional. Estou visando incorporar técnicas dessas populações que contribuíram para a manutenção da biodiversidade. Meu objetivo é de apresentar um registro que expresse parte desse patrimônio e que, assim, contribua para que seja reconhecido e valorizado. A arte é um lugar de produção de sociabilidade. Estou propondo uma forma de contribuir para a construção de um espaço coletivo sustentável, utilizando materiais encontrados na natureza.

O registro desses saberes visa sua divulgação e valorização através do local onde foram realizados meus trabalhos. Esta abertura de formas e meios se situa de forma totalmente confortável na produção artística

contemporânea, já que a arte contemporânea tem como característica o questionamento do próprio espaço e do tempo. A obra contemporânea é inconstante, absorve e constrói o espaço a sua volta, ao mesmo tempo em que o desconstrói.

Meus trabalhos foram todos realizados no mesmo local. Este local é o bosque frequentado pelos estudantes da EBA e demais cursos da UFRJ. Este local vem sendo frequentado por estudantes há muitos anos, por ser um espaço amplo e arborizado acabou se tornando uma área de convivência diária dos estudantes em seus horários vagos. A minha proposta foi a de interferir neste ambiente para melhor acomodação de todos os frequentadores, tendo como tema central, a relação, o estar junto, o encontro propriamente dito.

## O BANCO



A dinâmica de criação do meu trabalho envolveu um projeto antes da execução com estudantes de diversos cursos que participaram da criação. O trabalho físico precisou ser feito em equipe: transportar, instalar e carregar

materiais pesados, coisas que eu jamais poderia ter feito sozinha. O projeto de cada trabalho incluiu os limites dados pelos formatos interativos: a estrutura foi planejada para o tempo de permanência do trabalho, que se funde com os outros elementos expostos na paisagem. Analisei o espaço em que eu iria realizar os trabalhos e resolvi finalizar alguns trabalhos que estavam em suspenso, ou mesmo inacabados pelos estudantes anteriores.

O primeiro trabalho realizado foi a restauração e a criação de um encosto para um banco de concreto que já existia no local. A ideia inicial do projeto foi a de uma escultura fixa unindo encosto a um banco já existente no local. O objetivo principal da obra foi ser uma arte utilitária, ou seja, uma peça instalada em meio público, para uso dos estudantes.

O banco então receberia esse novo encosto com uma estrutura fixa e foram restauradas as suas partes quebradas, finalizando com um mosaico. Toda essa execução foi registrada com fotos que constituíram um filme, que registra as etapas do processo criativo desde o início até o final.

Tudo começou com o banco inacabado e com algumas partes de concreto quebradas e alguns pisos colados na sua superfície. Depois de coletar inúmeras ideias e opções acabei por escolher o projeto de restaurar o banco, e fixar o encosto com madeira, tela e concreto. Recomendado pelos estudantes de arquitetura foi utilizado à técnica do adobe, que significa uma estrutura que forma uma espécie de caixa com ripas de madeira e uma forma embaixo na base do encosto. Esta técnica deixa a estrutura tridimensional e compacta para ser preenchida com entulho, terra e o concreto.

Na montagem da estrutura de madeira para o encosto utilizei pregos nas ripas e parafusos nos caibros. As peças de madeira estavam inteiras no tamanho de 2m de comprimento, as peças foram cortadas no serrote no tamanho de 1,60 de comprimento (ripas), totalizando 8 peças e as de 1,40 de comprimento (perna de 3) totalizando 3 peças. Essas madeiras foram pregadas dos dois lados formando uma caixa vazada para formar uma estrutura tridimensional (adobe). Foram cavados três buracos no chão para encaixar a estrutura montada e foi feita uma canaleta em cima dos buracos para ser preenchida com concreto para fixar e dar segurança na fundação da estrutura.

A estrutura foi posicionada no local corretamente e chumbada com concreto e pedra. Com o concreto seco foi feita uma linha de tijolos na base do encosto do banco e uma forma com compensado e pregos para encher de concreto para fixar a base do encosto. Colocamos uma tela envolvendo

toda a estrutura de madeira e esta tela foi fixada com arame queimado, a tela foi cortada na medida exata, e assim vinda outra tela por cima para modelar a forma que ficaria o encosto. Com isso preenchemos o encosto com entulho e terra.

Utilizamos depois deste processo a técnica do barro com a madeira preenchendo todos os espaços vazios. Com o barro totalmente seco retiramos o excesso e foi colocada uma massa de concreto por cima de todo o encosto e do assento do banco que precisava ser restaurado. O acabamento do banco foi composto por um mosaico de azulejos. Recebi vários tipos de azulejos e utilizei a maquina e o alicate de corte para dar o acabamento nos cacos. No início tentamos assentar os azulejos no próprio cimento, mas não deu o resultado esperado. Os azulejos foram assentados com silicone, colados um a um até alcançar todo o preenchimento do banco.

## **PAREDE DE ESCALADA**



A instalação, enquanto poética artística permite uma grande possibilidade de suportes, uma gama de varias possibilidades de realização, podendo integrar recursos multimídia como os da videoinstalação. Este trabalho consistiu em uma parede de escalada na grade que foi colocada no bosque, impossibilitando a passagem dos estudantes onde ficaria a cobertura que utilizávamos para nos abrigar. Nessa parede fizemos projeções de imagens do processo da instalação para estimular ao publico subir na parede interagindo totalmente com a obra.

O trabalho foi realizado por mim e pelo Breno de Castro, também estudante de artes visuais-escultura. Nosso objetivo foi mostrar que aquela grade não servia como proteção nenhuma e que qualquer pessoa poderia ultrapassá-la. O trabalho está ali para provocar, gerar discussão, criticar e gerar reflexão. Começamos com dois pedaços de MDF que achamos nos fundos da Reitoria, em caçambas de materiais que são descartados, pedimos aos funcionários ajuda para transportar com um caminhão até o bosque. Depois do transporte tiramos as medidas da grade, iniciamos os furos para fixar o MDF na grade já existente no local. A parede foi fixada na grade, mas faltaram 30 cm de altura para chegar ao topo da grade, então fizemos uma caixa de compensado em cima para dar o acabamento e para ter passagem para o outro lado. A proposta do trabalho foi a prática da produção tridimensional e a pesquisa de linguagens que se desenvolvem no espaço físico.

Criamos um projeto da parede de escalada que seria uma escultura que poderia ser transportável e os observadores poderiam interagir como convidados a escalar a parede. O sentimento era o de estar dentro da obra e possuir consciência dessa expressão corporal. A parede foi fixada na grade podendo ser utilizada para escalada dos dois lados, ou seja, possibilitando a ultrapassagem da grade.



Foram feitas projeções e grafites no dia da inauguração. Testando o MDF colocamos as agarras em todos os furos, para ver se estava funcionando corretamente e com segurança. As agarras precisaram ficar bem firmes para não correr o risco de soltar. Furei as duas placas de MDF para colocar as porcas nas agarras em cada furo. Estas porcas foram necessárias para fixar as agarras de resina, também foram feitos furos de tamanhos diferentes para colocar as varas rosqueadas, foram utilizadas oito varas, quatro de cada lado da parede para fixar o MDF na grade. Finalizei colocando as agarras nos furos.

## TELHADO DE BAMBU



O bambu uma planta nativa das regiões tropicais e muito comum no território brasileiro possui uma ampla gama variada de aplicações. Na Ásia principalmente na Índia, China e Japão o uso do bambu é bastante difundido faz parte de uma tradição milenar. A utilização de bambu e folhas de palmeira ou sapê para a cobertura de casas ainda é bastante tradicional no interior do Brasil. Hoje em dia, sua utilização é mais presente nos ranchos e bares na beira da praia, embora algumas casas ainda utilizem esse tipo de cobertura. Com as medidas feitas da estrutura já

existente no local cortei os bambus e comecei a amarrá-los com linha de obra. Utilizei bambu de várias espessuras. O bambu foi utilizado substituindo a madeira utilizada em telhados convencionais. Em cada extremidade do bambu foram colocadas quatro varas rosqueadas. Na ponta das varas coloquei um pedaço de madeira em cada uma para fixar no metal que é vazado.

A estrutura ficou bem fixa para o caso de vento ou chuva forte, antes do meu trabalho já existia uma estrutura de metal no local com 4 pilares que foram utilizados como base para o telhado. As folhas foram colocadas sobre as ripas e amarradas com linhas para dobra-las no mesmo sentido. O processo foi repetido até cobrir todo o telhado. As ripas de bambu foram amarradas uma a outra no meio e os quatro pontos foram colocadas varas rosqueadas. Em seguida foram furados quatro pedaços de madeira e colocados na ponta da vara rosqueada, onde entrou uma peça de metal que funcionando como uma rolha para travar a estrutura além da amarração.

A minha proposta foi criar este telhado para que os estudantes pudessem se abrigar no caso de chuva ou sol. Existia um espaço que os estudantes utilizavam (próximo ao salão azul, o bosque) e como este espaço não pode mais ser utilizado minha intenção foi de criar um novo espaço para que pudéssemos nos reunir como antes.

A relação obra de arte/espectador sofre uma transformação, no sentido em que o espectador já não observa a obra do exterior, mas passa a integrá-la inserindo-se no coletivo, criando uma comunidade com carácter temporário ou utópico. A obra, aberta ao espectador, necessita da sua colaboração para se completar.

Arrumei um carro com caçamba emprestado e levei um facão para cortar as folhas de coqueiro ao lado do prédio da reitoria onde tem um estacionamento. Já com as folhas cortadas nós as transportamos para o bosque, aí então eu comecei a amarração com linha de obra. Amarrei todas as folhas mas algumas ficaram pesadas na hora de suspender então decidi colocar uma por uma, amarrando com a própria palha da folha de coqueiro no bambu já fixado. Este processo das folhas demorou uns dias para ficar pronto. Neste trabalho do telhado eu também tive bastante dificuldade em conseguir ferramentas e escadas porque eu precisava de duas no mínimo para levantar os bambus e as folhas.

Tentei na Universidade e ninguém conseguia resolver o problema. Foi na Vila Residencial que existe no final da Ilha do Fundão que consegui a escada emprestada podendo dar andamento ao meu trabalho que ficou uns

dias parado por não conseguir a escada. Como não tenho o hábito de desistir fiz o possível para concluir a instalação. Eu estava ciente das dificuldades que poderiam ocorrer e este é o desafio ir até o fim no meu objetivo até ele ser realizado. Depois de colocar as folhas do coqueiro não consegui fixa-las e tive um problema das folhas depois de secas elas se soltaram não cobrindo o local como deveria ter ocorrido.

Pensei numa nova possibilidade utilizando um novo tipo de cobertura. Encontrei no fundão uma tela de isolamento inteira jogada fora, peguei esta tela e cobri o telhado com ela. Esta tela é toda vazada e pensei na possibilidade de plantar trepadeiras e utilizar as plantas já existentes no local formando uma espécie de telhado vivo. Os telhados verdes ou cobertura viva consiste no uso da vegetação na cobertura de casas, prédios comerciais e residenciais entre outras edificações. Em objetivo de melhorar o conforto térmico e a relação entre a edificação e o meio ambiente. A ideia do telhado verde não é nova no século 19 era comum existirem cabanas feitas com tetos coberto de grama os Estados Unidos também adotou a ideia.

Em poucos anos esta ideia começou a se espalhar de verdade e ganhar terrenos nas grandes cidades, onde são os locais que mais lucram com essas iniciativas que aumentam as áreas verdes urnas e promovem a biodiversidade no local. Demora mais para esquentar no verão e esfriar no inverno. Quanto mais quente a cidade maior a redução de calor. Usar plantas típicas da região como uma maneira de devolver a natureza o que dela foi tirado pelas construções. Plantei sementes de maracujá e chuchu para que cresçam e cubram a estrutura de bambu com a tela formando assim um telhado verde.

Na atitude contemporânea, o artista deve explorar um campo aberto de possibilidades, adotando materiais diversos em espaços diversos, integra a obra na paisagem, utilizando os espaços como processo criativo. Cabe ao artista, disponibilidade para observar, executar e dialogar com sensibilidade de saber onde e quando respeitar a forma natural, sendo assim capaz de ver, sentir e transformá-la em obra de arte. Um dos objetivos do meu trabalho é que o ambiente esteja sempre em movimento apesar de todos os acontecimentos que levam os estudantes a não frequentarem mais o local, por não ter abrigo da chuva e sol. Mas mesmo nestas condições eu consigo reunir vários estudantes para realização de melhorias para o local que todos nós frequentamos todos os dias.

## JUSTIFICATIVA



A técnica utilizada na concepção do banco resgata a obra de Antoni Gaudí, arquiteto espanhol, que usa uma concepção da arquitetura em que ela não é unicamente estrutura, integra também ornamentação. Apesar das formas orgânicas terem sido sua maior fonte de inspiração, Gaudí

também buscou estímulos na arte gótica, nos livros medievais e na arte árabe. As primeiras obras de Gaudí são as mais influenciadas pelo estilo mourisco, sendo o mosaico um elemento bastante frequente na sua decoração de ambientes internos e fachadas.



No Brasil temos o caso da Escadaria Selarón, localizada no Rio de Janeiro. A obra teve origem a partir da iniciativa de um morador da região, conquistou apoio de moradores e frequentadores da região e, posteriormente, foi reconhecida pela prefeitura da cidade. Situada entre os bairros cariocas Lapa e Santa Tereza, a escadaria foi

iniciada em 1990 em meio ao contexto de ocupação cultural por baixo que devolveu à região da Lapa a sua vocação cultural. Atualmente é um importante ponto turístico local, sendo tombada como patrimônio cultural da cidade em 2005. Além disso, é ponto de concentração de moradores e visitantes da região, principalmente durante os fins de semana. No meu trabalho eu usei esses artistas como referência na forma orgânica, na ornamentação e na estrutura fixa instalada em um espaço público, onde os estudantes utilizam o banco durante a semana e durante o fim de semana os moradores da região que frequentam o campo de futebol. Englobando diversos públicos.

Nos anos 70, surge a noção de *site specificity*, por meio da criação de obras em diálogo com sua vizinhança, seu contexto de instalação. Orientadas por esse conceito, algumas obras de arte pública passam a ser

desenvolvidas a partir de características topográficas e traços culturais locais, envolvendo conhecimentos anteriores sobre o espaço que recebe a intervenção – temporária ou permanentemente – e considerando os diferentes interesses que atuam sobre tal espaço. O objeto/escultura agora considera o local, o ambiente, as pessoas que ocupam os espaços naturais e construídos, dialogando com a arquitetura e a natureza, em seus respectivos contextos. A minha obra constrói-se a partir desse diálogo, a proposta da parede de escalada era integrar-se ao entorno e não podendo ser transportada para outro lugar.

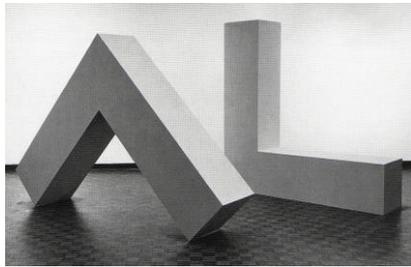
Destacam-se, a partir desse momento, intervenções que passam a funcionar como enigmas, provocações ou reflexões sobre a vida em geral ou sobre a vida na cidade em particular.

No final do século XX, pudemos observar um importante fenômeno no campo das artes plásticas. As exposições deste período passaram a incorporar elementos audiovisuais, sensores de movimento, entre outros, onde o observador poderia tocar, ouvir, falar, ou seja, interagir com a obra apresentada. Na noite da apresentação da parede foi utilizado um Datashow que projetou imagens do processo do trabalho, o público escalou a parede e as projeções aconteceram ao mesmo tempo. Este fato representa uma mudança significativa no conceito de exposição de artes plásticas, onde, anteriormente, era permitido ao espectador apenas visualizar a obra. Essa mudança desencadeou uma mudança de comportamento que permitiu uma maior interação entre o público e o artista, atraindo segmentos sociais que antes não tinham acesso a essa forma de expressão e ampliando e democratizando o conhecimento de diferentes formas de arte. Isso pode ser percebido de forma objetiva nas recentes exposições, onde o público já entra no ambiente da exposição querendo tocar e interagir com as obras, ainda que essas possibilitem tal conduta.

Podemos perceber que esse tipo de produção artística tem o poder de expandir as dimensões do indivíduo, que possibilita uma simbiose entre o corpo humano e as novas tecnologias e provoca uma revolução nas comunicações e altera as percepções do espectador, provocando o um maior envolvimento, permeado por imagens, toques e sons, entre o público e o artista. Passam a fazer parte no contexto das produções escultóricas, e das artes em geral, a arquitetura, a paisagem, o documento, a fotografia, o vídeo, a linguagem, e, como acontece hoje, as novas tecnologias das mídias digitais. Os diversos suportes que estendem o campo para um artista criar (pode ser qualquer coisa, qualquer lugar) resgata o elo da escultura, perdido no modernismo, com o lugar que ocupamos no espaço.

A escultura pós-moderna não consegue se enxergar mais como um objeto distante de contemplação, mas como o fruto de uma simbiose complexa e participativa entre público e artista. É justamente nessa

ampliação de suportes que vão aparecer os desdobramentos da escultura contemporânea, o site specific (a obra pensada para um determinado local), a instalação, o site context (uma espécie de reurbanização feita a partir de um projeto de arte, normalmente por artistas em residência, baseado nos

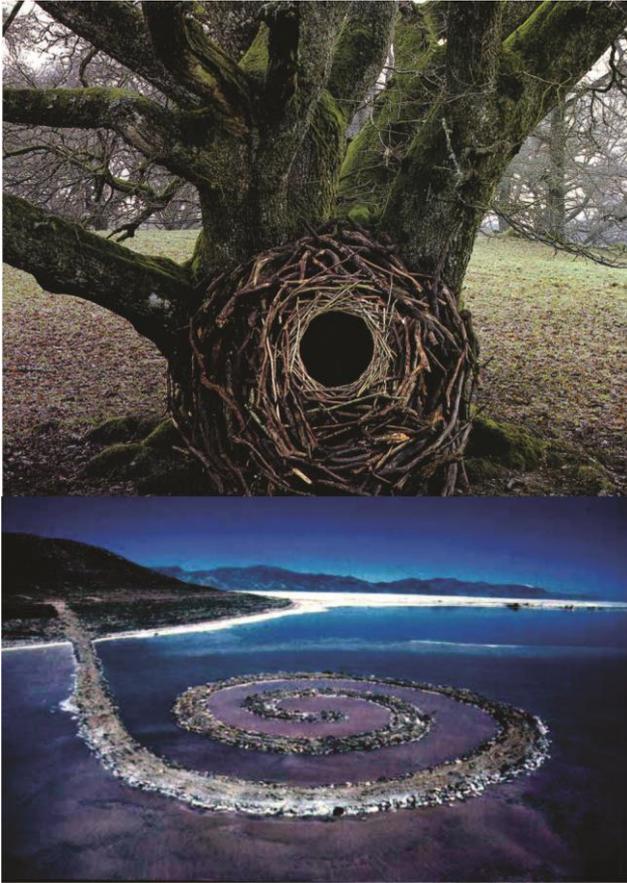


anseios, ou medos, dos habitantes de um determinado local), a vídeo-arte, a performance, entre outras formas de expressão. Robert Morris exibiu em 1966 duas *vigas L*, durante a década de 1990 retornou ao seu trabalho inicial supervisionando reconstruções e instalações de peças perdidas.

Em sua obra o *Labirinto*, uma obra de nove metros de diâmetro e quatro metros de altura. O visitante pode adentrá-la por meio de passagens estreitas e chegar ao centro do labirinto, mas vai precisar de pelo menos 20 minutos para percorrer todo o trajeto. A experiência deixa de ser visual e passa a ser também um desafio físico. A proposta da parede foi a interação com o público não só como observador mas como integrante da obra, a reutilização de material descartado e um protesto contra a grade instalada no bosque no qual impossibilitou a utilização da passagem e a cobertura contra a chuva no qual os estudantes se abrigavam.



Desde a metade do século XX inicia-se a abertura de espaço para uma aproximação da arte com a vida, e para a experimentação de várias ordens, para o uso de materiais até então tidos como não artísticos. A Land Art foi uma das respostas artísticas possíveis, surgida na década de 1960, com artistas buscando a natureza como lugar de suas obras. Os artistas que criavam dentro do contexto da Land Art buscavam na grandiosidade da natureza a reflexão sobre o fazer artístico sempre completado pelo tempo e pelo espaço em que se inseria.



Como a Espiral de terra e pedra construída no Grande lago Salgado, em Utah por Robert Smithson, Temos também o artista e ambientalista britânico Andrew Goldsworthy que cria suas esculturas apenas com materiais do próprio terreno, como este portal feito de galhos secos, que se confunde em meio à profundidade das árvores. Para Goldsworthy é manipular a percepção do rústico e intocável que as pessoas têm da natureza. A intenção deste trabalho do telhado foi utilizar materiais da natureza encontrados pela Ilha do Fundão como bambu e as folhas de coqueiro, e fazer a instalação utilizando os pilares de metal já existentes no local.

Nos anos de 1990, na estética relacional o conceito de uma nova ordem social é largamente associado à subjetividade, ao sujeito e seu mundo interno composto de emoções, sentimentos e pensamentos. É com essa subjetividade que se constrói o espaço relacional, onde se concretiza a relação com o “outro”. Os artistas que se englobam na esfera da Estética Relacional tentam descobrir novas formas de habitar o mundo, com novos modelos de vida dentro da realidade, em vez de tentarem alterar o seu ambiente e estimular o público a sua participação. As obras de arte relacional promovem encontros intersubjetivos, cujos significados são construídos coletivamente e não numa esfera de consumismo individual. A arte relacional está condicionada ao seu ambiente e ao seu público. A relação obra de arte/espectador sofre uma transformação, no sentido em que o espectador já não observa a obra do exterior, mas passa a integrá-la inserindo-se no coletivo.

Rirkrit Tiravanija, artista citado por Bourriaud, tem por objetivo o envolvimento com o público: a comida funciona como um meio para fomentar o convívio entre o público e o artista. Bourriaud salienta que o que Tiravanija cozinha, como e para quem, é o menos importante, o que realmente interessa é o fato de ele distribuir, gratuitamente, o resultado das suas refeições.



“Sobre uma estante de metal há um fogãozinho aceso que mantém em ebulição uma panela de água. Em volta da estante, espalham-se materiais de acampamento, sem nenhuma composição. Junto à parede há caixas de papelão, na maioria abertas, contendo pacotes de sopas chinesas desidratadas que o visitante pode consumir à vontade, acrescentando a água fervente à sua disposição.” No final de cada trabalho realizado eu convido as pessoas que participaram da execução. Faço pizzas no forno que existe no bosque que também foi construído por estudantes. Utilizo o mesmo espaço de convívio no qual

realizo os trabalhos e desenvolvo funções interativas, conviviais e relacionais. Hoje a pratica artística aparece como um campo fértil de experimentações sociais.



# Bibliografia:

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional. Coleção Todas as Artes* São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.  
*Arte Pública*. São Paulo: SESC, 1998.

ROSALIND E. KRAUSS. *Caminhos da Escultura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARROS, Stella Teixeira, SETUBAL, Olavo Egydio. *Perfil da Coleção Itaú*. São Paulo: Itaú Cultural, 1998.

BARDI, P.M. *Em torno da escultura no Brasil*. São Paulo: Banco Sudameris, Raízes Artes Gráficas LTDA, 1989.

BRITO, Ronaldo, FILHO, Paulo Venâncio. *Arte Brasileira Contemporânea. Caderno de textos 1*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

CAUQUELIN, Anne. *A Arte Contemporânea*. Porto Portugal: Coleção Rés Editora, s/d.

Revista de Artes Visuais. *Porto Arte*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

RIBENBOIM, Ricardo. *Tridimensionalidade*. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1997.

WITTKOWER, Rudolf. *A Escultura*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.